

CONTROLE DA FUSARIOSE NA REGIÃO NOROESTE FLUMINENSE

José Francisco Martínez Maldonado¹

(¹Pesquisador da Pesagro-Rio)

INTRODUÇÃO

O cultivo do maracujazeiro-amarelo sempre teve grande importância para os municípios do Norte e Noroeste Fluminense, chegando a se constituir num dos principais produtos da economia local de alguns deles, como São Francisco de Itabapoana, São João da Barra, Italva, Bom Jesus do Itabapoana e outros.

A produção de maracujá teve aumento significativo a partir do ano 2000, incentivada pelo financiamento à produção por parte do governo do Estado do Rio de Janeiro e pelo aparecimento de várias empresas dedicadas ao processo de transformação industrial da fruta. Em 2004, a área plantada de 1.500 ha, com mais de 1.000 produtores envolvidos na exploração, atingiu seu ápice. Concomitante ao aumento da área plantada e da produção, houve o aparecimento de doenças provocadas por fungos, bactérias e vírus que causaram a perda de muitos pomares de maracujá, causando prejuízos significativos para os produtores e para as economias locais. Houve redução acentuada da produção na área plantada e do número de agricultores dedicados ao cultivo do maracujazeiro-amarelo. No ano de 2007, cultivavam-se apenas 425ha, com a consequente redução do número de produtores.

Com vistas a reduzir os problemas fitossanitários provocados por fungos de solo, foi proposta a enxertia de maracujazeiros em espécies silvestres do maracujá resistentes a essas doenças.

Instalou-se, então, um experimento no município de Italva para avaliar o comportamento dos porta-enxertos *Passiflora mucronata* e *Passiflora alata*, que incluía, ainda, o maracujazeiro-amarelo de pé-franco.

RESULTADOS

O experimento de Italva, plantado em julho de 2006, começou a apresentar plantas com sintomas de doenças provocadas por patógenos de solo poucos meses após o plantio, em novembro daquele ano. O número de plantas afetadas aumentou gradativamente com o passar dos meses, como pode ser verificado no quadro a seguir.

Data	Tratamento 1	Plantas mortas (%)	Tratamento 2	Plantas mortas (%)	Tratamento 3	Plantas mortas (%)
nov./2006	2	2,70	0	0	1	1,38
jan./2007	7	9,72	0	0	22	30,5
fev./2007	12	16,66	0	0	29	40,20
abr./2007	31	43,3	0	0	41	56,9
jul./2007	34	47,2	0	0	49	68,0
out./2007	36	50	0	0	49	68,0
abr./2008	51	70,8	0	0	66	91,6

Como se pôde observar, as plantas dos tratamentos 1 (amarelo enxertado em mucronata) e 3 (amarelo sem enxertar) começaram a morrer pouco tempo após o plantio, sendo que na contagem realizada em janeiro de 2007, isto é, 6 meses após o plantio, mais de 30% das plantas não enxertadas tinham morrido, o que tornava inviável um empreendimento comercial. Por outro lado, o tratamento de plantas enxertadas em alata não sofreu nenhuma perda de plantas, produzindo normalmente até o término do experimento, em agosto de 2008.

A seguir, apresentam-se os dados de produção de dois ciclos de colheita.

Primeiro ciclo de colheita

Tratamento	Média de frutos por parcela	Peso médio de fruto	Produtividade kg/ha
1	691,75 b	112,5	11,46 b
2	955,66 a	126,3	17,67 a
3	566,83 b	119,1	9,20 b
DMS	33,81		

Segundo ciclo de colheita

Tratamento	Média de frutos por parcela	Peso médio de fruto	Produtividade kg/ha
1	235,41 b	135,8	4,72 b
2	494,08 a	162,5	11,83 a
3	84,75 c	155,1	1,94 c
DMS	106		

Médias seguidas pela mesma letra não se diferenciam estatisticamente pelo teste de Tukey, a 5% de probabilidade.

Como se pode verificar pela análise dos dados, a produtividade dos tratamentos ficou muito aquém do que seria esperado nos tratamentos 1 e 3, devido à grande perda de plantas.

O tratamento 2, sem sofrer perdas, produziu pouco mais de 17 t/ha, uma boa produtividade se considerado que se tratam de plantios de sequeiro e que, muito frequentemente, as plantas sofrem com a falta de umidade por períodos longos, com altas temperaturas, e que o alívio proporcionado por irrigações não regulares, utilizando mangueiras, molhando planta a planta, não é muito eficiente.

No 2º ciclo de colheita, a situação climática se agravou ainda mais, o que, unido à perda de plantas, reduziu a produção a níveis muito baixos em todos os tratamentos. Mesmo assim, as plantas enxertadas em *Passiflora alata* produziram em torno de 12t/ha, o que seria uma produção média para o Estado do Rio de Janeiro.

Em relação à qualidade dos frutos, obtiveram-se pesos médios acima de 100g/fruto, qualificando-os para serem vendidos normalmente para o consumo *in natura*.

RECOMENDAÇÃO

Recomenda-se a utilização de *Passiflora alata* (maracujazeiro doce) como porta-enxerto de maracujazeiro amarelo para reduzir a incidência de fusariose e podridão do colo das plantas, cujos sintomas são semelhantes aos produzidos pelo ataque de espécies de fungos do gênero *Fusarium*.